

O BAMBURRAR DO OURO LINGUÍSTICO: O UNIVERSO SEMÂNTICO-LEXICAL DAS LEXIAS “BAMBURRADO E BREFADO” EM PEIXOTO DE AZEVEDO-MT

Nailde Fernandes de Medeiros
 Universidade do Estado do Mato Grosso, Mato Grosso - Brasil
 profnaildesfernandes27@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2214-7188>

Neusa Inês Philippsen
 Universidade do Estado de Mato Grosso, Faculdade de Ciências Humanas e
 Linguagem, Mato Grosso - Brasil
 neinph@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-0406-3984>

RESUMO: O presente artigo representa uma prévia do projeto de pesquisa em andamento para a tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística, UNEMAT-Cáceres/MT, sob a linha de pesquisa “Estudos de Processos de Variação e Mudança”, e desenvolvido na disciplina de Tópicos em Sociolinguística. O objetivo do artigo é analisar, sob o aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, duas lexias muito comuns no município de Peixoto de Azevedo-MT: “bamburrado e brefado”, uma vez que o léxico é considerado como recurso de expressão e interação social, pois é no dinamismo do processo de comunicação que os sujeitos criam, recriam e incorporam o vocabulário de sua língua. Então, para o desenvolvimento da pesquisa amparamos no suporte teórico-metodológico de Biderman (1981), Cristianini (2007), Philippsen (2012), entre outros. Para a constituição do *corpus*, adotamos os procedimentos metodológicos fornecidos pela Teoria da Variação e Mudança Linguística propostos por Labov (1972) e Milroy (1987, 1992). Foi levado em conta o contexto social e a fala espontânea de três sujeitos com a variação diageracional e diagenérica para nos apresentar o sentido semântico das lexias pesquisadas. Diante das reflexões, a importância desta pesquisa recai em contribuir para um novo olhar sobre a variedade linguística de garimpeiros, em comunidades garimpeiras de Peixoto de Azevedo, a fim de valorizá-la, não só entre os estudiosos da linguagem, mas também entre o público em geral, visando promover o conhecimento da riqueza linguística que integra o universo linguístico desse grupo delimitado. Pelo viés da reflexão, este estudo mostra a diferença do sentido semântico lexical das duas lexias apresentadas das demais pesquisas já realizadas em outros locais de regiões garimpeiras.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Variacionista. Variação linguística semântico-lexical. Peixoto de Azevedo -MT. Comunidades garimpeiras. Garimpeiros.

THE BAMBURRAR OF LINGUISTIC GOLD: THE SEMANTIC-LEXICAL UNIVERSE OF “BAMBURRADO AND BREFADO” LEXIAS IN PEIXOTO DE AZEVEDO-MT

ABSTRACT: This article is a preview of the ongoing research project for the doctoral thesis of the Stricto Sensu Postgraduate Program in Linguistics, UNEMAT-Cáceres/MT, under the research line “Studies of Processes of Variation and Change”, and developed in the discipline of Topics in Sociolinguistics. The aim of the article is to analyze, under the theoretical-methodological framework of Variationist Sociolinguistics, two very common lexemes in the city of Peixoto de Azevedo-MT: “bamburrado and brefado”, since the lexicon is considered a resource for expression and social interaction, since it is in the dynamism of the communication process that subjects create, recreate and incorporate the vocabulary of their language. So, for the development of the research, we relied on the theoretical and methodological support of Biderman (1981), Cristianini (2007), Philippsen (2012), among others. To compile the corpus, we adopted the methodological procedures provided by the Theory of Linguistic Variation and Change proposed by Labov (1972) and Milroy (1987, 1992). We took into account the social context and the spontaneous speech of three subjects with



diagenational and diagenic variation to present us with the semantic meaning of the lexemes researched. In view of these reflections, the importance of this research lies in contributing to a new look at the linguistic variety of garimpeiros, in the mining communities of Peixoto de Azevedo, in order to value it, not only among language scholars, but also to the general public, aiming to promote knowledge of the linguistic richness that integrates the linguistic universe of this delimited group. From the perspective of reflection, this study shows the difference in the lexical semantic meaning of the two lexias presented, from other research already carried out in other places in mining regions.

KEYWORDS: Variationist sociolinguistics. Semantic-lexical linguistic variation. Peixoto de Azevedo -MT. Mining communities. Garimpeiros.

INTRODUÇÃO

As atividades extrativas de minérios e pedras preciosas no Brasil atingem o seu ápice entre os séculos XVII e XVIII, em Minas Gerais, quando a Coroa Portuguesa instituiu várias formas de fiscalizar¹, que foi uma maneira de controlar desvios e contrabandos das riquezas encontradas em solo brasileiro. Desde aquela época, de acordo com Silva (2006, p. 27), os garimpos já provocavam um grande fluxo de pessoas, sendo que “[...] de diversos pontos do Brasil começou a chegar grande quantidade de aventureiros, ávidos de rápido enriquecimento. Mesmo de Portugal vieram, a cada ano, cerca de 10 mil pessoas, durante sessenta anos”. Souza (1986, p. 68) corrobora a reflexão: “[...] durante os primeiros 60 anos do século XVIII a corrida do ouro provocou, na Metrópole, a saída de aproximadamente 600 000 indivíduos, em média anual de 8 a 10 mil indivíduos”.

Cabe salientar também que os homens livres, sem posses e inaptos a sustentar produções regulares perante à Coroa então buscavam lugares ermos, denominados grimpas das serras, para praticarem seus trabalhos distante da fiscalização. Desse modo, os chamados grimpeiros deram origem ao termo garimpeiro². E, quanto a esses grupos de pessoas, o Departamento Nacional de Produção Mineral (1993, p. 2, grifos nossos) enfatiza que “As condições adversas de vida e trabalho, somadas às dificuldades de obtenção de suprimentos e de venda de produtos, sob forte repressão, favoreciam a coesão grupal, como também o desenvolvimento de **traços culturais próprios**”.

É importante pontuar que a população em regiões garimpeiras se torna muito heterogênea e geralmente os garimpos são responsáveis pela articulação da economia local e traços culturais próprios, assim como vimos no enunciado acima. Para Eckert (1993), torna-se uma inserção no mundo plural e de suas configurações de valores. Segundo a autora, “Dimensiona-se sua maneira singular de viver e pensar, o que é percebido na representação e na prática social intrinsecamente articuladas [...]” (Eckert, 1993, p. 11). Esse estilo de vida considerado “diferente” é perceptível também nas mudanças de comércio de rede alimentícia, como salienta Silva em um depoimento:

Eles mudaram até o jeito nosso de comer, em seus costumes eles comem carne assada logo pela manhã, cuscuz com ovo, são alimentações mais pesadas e na

1 “Regimento dos Superintendentes, Guardas-mores e Oficiais Deputados para as Minas de Ouro”, que data de 1720. Desde o séc. XVII existia uma legislação minerária, a qual estipulava o pagamento de 20%^o (1/5) do ouro descoberto e explorado. Ver mais detalhes em Silva (2006, p. 26-33).

2 A lei nº 11.685, de 2 de julho de 2008, que criou o estatuto do garimpeiro, define o garimpeiro como “uma pessoa física de nacionalidade brasileira que, individualmente ou em forma associativa, atue diretamente no processo de extração de substâncias minerais garimpáveis”.

lanchonete a gente tinha mais era salgado, do tipo coxinha, pastel etc., mas eles queriam outro tipo de alimentação, mais forte [...] (Silva, 2006, p. 32).

Desse modo, é notável que as comunidades garimpeiras são um grupo social marcado pelo convívio de uma pluralidade de costumes, de tradições culturais e étnicas e questões linguísticas de diversas regiões, distribuídos em uma mesma rede de relações, sendo que, para a pesquisadora citada, “[...] o garimpo não pertence³ a ninguém, a não ser para os que o descobrem e demarcam a área [...]” (Silva, 2006, p. 30-31). Ao analisarmos essa reflexão, podemos deduzir⁴ que qualquer lugar (cidades, municípios, vilarejos) em que se descobre pedras ou metais preciosos pode ser invadido de maneira muito rápida, pois, segundo Macedo (2000, p. 28-29), “a sedução do garimpo é muito forte, só através dessa força podemos entender por que muitos se envolvem nessa atividade”. Assim, “o mito de que o garimpo traz sorte valia qualquer esforço”.

As reflexões pautadas anteriormente demonstram que as comunidades garimpeiras são construídas por pessoas, principalmente homens, que foram e vão em busca de tirar a sorte grande e se tornarem bamburrados⁵. Assim como as atitudes causam mudanças nos costumes, no comércio, como vimos acima, é notório também sentir a diferença na maneira de falar, como na palavra “bamburrado”.

Por conseguinte, com essa breve reflexão apresentada sobre as atividades e comunidades garimpeiras, temos, na região norte mato-grossense, o município de Peixoto de Azevedo⁶, que já teve seu apogeu aurífero⁷, e a ‘fofoca’ se espalhou com a mesma saga do contexto histórico dos séculos XVII e XVIII aqui citados. Nesse período do apogeu, houve acentuada procura pelo minério, com a vinda de muitas pessoas a esse município e a cidade se tornou ‘diferente’ dos demais municípios circunvizinhos, devido aos aspectos sociais, culturais e, principalmente, na fala, a ponto de colegas dizerem que, quando ouvem alguém peixotense falar, já dizem ‘esse fulano’ é de Peixoto. Então, podemos observar que a língua é um fator na identificação dos sujeitos de um grupo e se torna uma maneira de demarcar diferenças sociais e culturais de uma comunidade. Para compreendermos melhor isso, realizamos um estudo de campo e qualitativo para conhecermos mais sobre o município e as comunidades garimpeiras, como veremos a seguir.

3 Para Sanghi, Simone da Fonseca (2007, p.46), “A construção de uma ideia de pertencimento ligada a uma referência não só físico-espacial, mas também sociocultural, imprime uma força simbólica à ideia de representar-se no mundo e ocupar um espaço na sociedade. [...] O pertencimento ou sentimento de pertencimento é a crença subjetiva numa origem comum que une distintos indivíduos. Os indivíduos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade na qual símbolos expressam valores, medos e aspirações [...]”.

4 Para Oliveira (2002, p.62), “[...] o raciocínio dedutivo é um raciocínio cujo antecedente é constituído de princípios universais plenamente inteligíveis [...]. Deduzindo-se, passa-se às premissas de conclusão”.

5 No garimpo, enriquecer inesperadamente de pedras ou metais preciosos de grande tamanho.

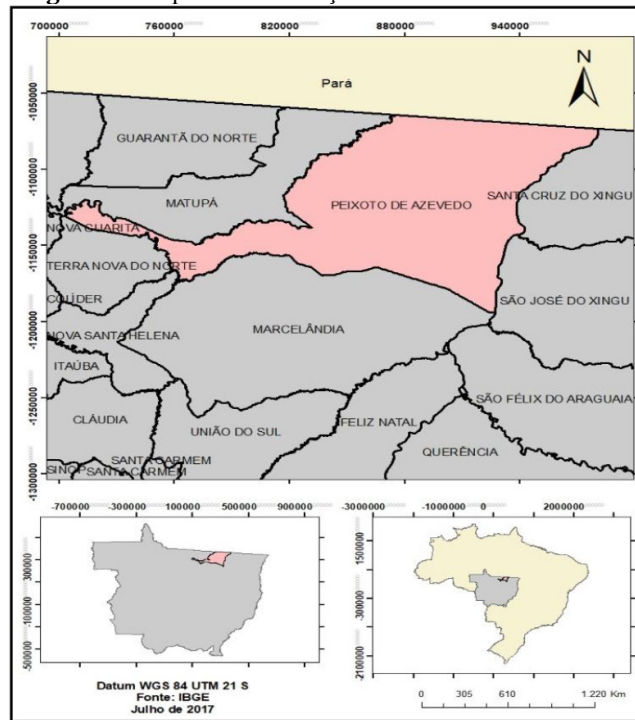
6 Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, a cidade conta atualmente com 32.714 pessoas.

7 O ciclo do ouro se estendeu de 1978 ao começo de 1995. A política mineral do governo federal e até mesmo a escassez do metal para extração manual pelos garimpeiros decretaram o fim daquele período.

O GARIMPO NA HISTÓRIA DO OURO DE PEIXOTO DE AZEVEDO

Peixoto de Azevedo⁸ está situado a 700 km de Cuiabá e teve seu início do processo colonizatório com a implantação da rodovia BR-163⁹, também denominada Cuiabá-Santarém, na década de 1970.

Figura 1: Mapa da localização de Peixoto de Azevedo.



Org.: Paula (2018)

Fonte: <http://www.eng2018.agb.org.br/resources/anais>.

Para Arruda:

[...] nessa área viviam os indígenas panarás, também conhecidos como Kren-Akarore, que, segundo a linguagem indígena, significa índios gigantes. Essa população indígena, conforme apontam alguns registros, somava em torno de cem (100) remanescentes no ano de 1976, quando foram transferidas para a reserva no Parque do Xingu (Arruda, 2016, p. 33).

Com o resultado positivo do metal valioso, surgiu a “fofoca do ouro”¹⁰ e, com isso, segundo Andrade (2016), o lugar viveu, no período de 1978 ao começo de 1995, o ciclo do ouro, sendo referência no Nortão e da riqueza considerada ‘fácil’, conforme enfatiza o autor:

[...] a referência urbana daquele curto período foi marcada por assassinatos, má-lária, balanças de precisão em muitas portas abertas na Rua do Comércio, de

8 Segundo (Constantino, *et al.* 2018), o nome Peixoto de Azevedo foi dado ao rio que banha a cidade em homenagem ao **coronel da Polícia Militar Antônio Peixoto de Azevedo**. Com o surgimento da vila, inicialmente sem nome, quem se referia a ela, dizia “lá na vila do Peixoto de Azevedo”. Daí a denominação do município. Disponível em: [/www.boamidia.com.br/peixoto-de-azevedo-a-terra-do-ouro](http://www.boamidia.com.br/peixoto-de-azevedo-a-terra-do-ouro). Acesso em 25-04-2022.

9 A BR-163 foi aberta pelo 9º BEC (9º Batalhão de Engenharia de Construção do Exército) com o objetivo de ligar Cuiabá-MT a Santarém-PA e era a única via de acesso para a população garimpeira em 1978.

10 Segundo Oliveira (2017), era um jargão na fala dos garimpeiros.

intensa movimentação de mono e bimotores, camionetes de frete transportando doentes e sonhadores, ônibus despejando levas de aventureiros (ANDRADE, 2016, p. 142).

A moeda circulante no auge da opulência era o grama do ouro, que cotava toda espécie de pagamento local. Então, Peixoto de Azevedo se destacava com as fortunas retiradas da terra e do leito dos rios, todavia havia muita desigualdade social:

[...] uma cidade onde a imaginária linha que separa a extrema pobreza, da riqueza, não passava de um punhado de metal amarelo que cabia na palma da mão. A cidade de garimpeiros, que trabalhavam do nascer ao pôr do sol, era a mesma onde eles se esbaldavam à noite nas orgias, de crimes e impunidade (ANDRADE, 2016 p. 143).

Nesse contexto, um contingente de pessoas fora atraído com seus sonhos e inseguranças e, assim, construíram seu espaço de pertencimento em meio à população que vagava de um barranco a outro em busca do tão esperado bamburro. Nas fotografias abaixo, é possível visualizar como eram os espaços do garimpo e urbano daquele período:

Figura 2



Garimpo 1982

Figura 3



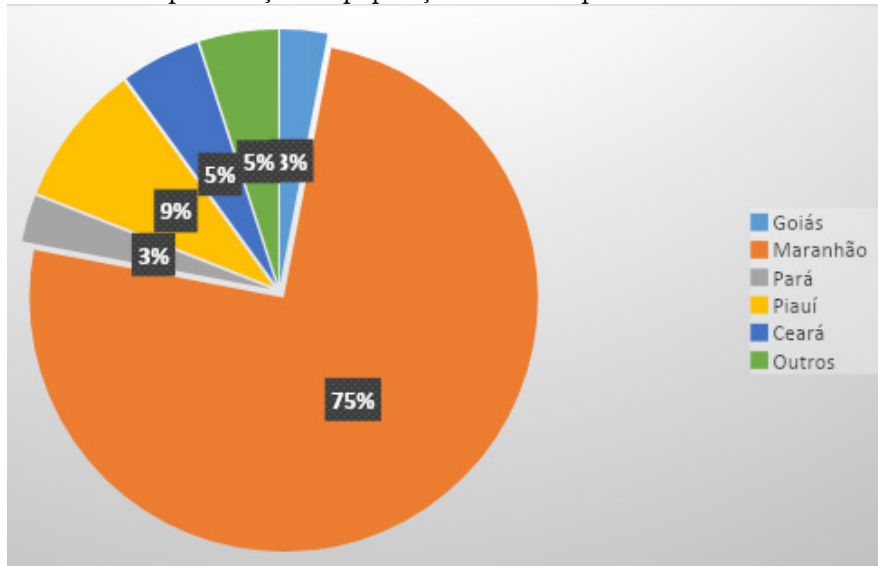
Rua do Comércio 1985

Fonte: <https://www.boamidia.com.br/peixoto-de-azevedo-a-terra-do-ouro>

Observa-se nas imagens¹¹, que representam a realidade do contexto social daquela época, a falta de estrutura educacional, saneamento básico, segurança, energia elétrica, enfim, uma cidade que se inicia no meio da selva. Assim se constitui, primeiramente, em uma vila, depois, em uma curruetela¹², um distrito e, finalmente, depois de passados alguns anos, uma cidade. A emancipação político-administrativa de Peixoto de Azevedo foi sancionada pela Lei Estadual nº 4.999, em 13 de maio de 1986. No gráfico seguinte, é possível observar como se constitui a origem populacional do município.

11 Para Arruda (2015, p.16), “A fotografia como fonte pode oferecer uma imagem da ‘cidade real’ e, a partir desse cenário, considerar o que está representado na imagem e o que se encontra velado”.

12 **Corruetela** - palavra dada a pequenos povoados longe dos centros regionais, espécies de vilas, lugarejos, que davam e dão apoio aos viajantes, tropeiros ouromeiros. Em algumas regiões do país também se dá o nome de “patrimônio”. Disponível em: www.dicionarioinformal.com.br. Acesso em 29-11-2023.

Gráfico 1: Representação da população do município de Peixoto de Azevedo.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). O gráfico representa a população do município de Peixoto de Azevedo.

Segundo o censo do IBGE (2010), a origem da população está distribuída conforme o gráfico acima. Então, vemos uma população em que a maioria é constituída de maranhenses. Desse modo, conforme Farias e Carvalho (2018), a cultura peixotense acaba sendo influenciada diretamente pelos aspectos socioculturais da região em questão. Ademais:

Todos os anos é tradição no município de Peixoto de Azevedo ocorrerem as tradicionais competições de equipes de quadrilhas. As comidas típicas da cidade também são de origem nordestina, além disso o **sotaque** da população também sofreu influências da região (Farias e Carvalho, 2018, p. 08, grifo nosso).

Essa breve contextualização histórica, baseada em estudos já realizados, foi necessária para termos conhecimento do *locus* em estudo, que consideramos a comunidade de fala em estudo. Segundo Labov (1972, p. 158), uma comunidade de fala “é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à língua”. Então, baseados nessas considerações, iremos pontuar, na sequência, uma reflexão sobre o léxico.

LÉXICO, UMA RIQUEZA SOCIOLINGUÍSTICA

Uma variante semântico-lexical, por se entender que a língua é mais abrangente, ultrapassa o nível puramente lexical, assim como afirma Biderman:

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua (Biderman, 2001, p. 179).

Nessas considerações de Biderman, notamos que o léxico de uma língua natural é a forma como uma comunidade registra e dá nomes aos significados. Na língua, a partir do léxico, também se encontra a responsabilidade de identificar as semelhanças ou descrever as diferenças linguísticas, de acordo com os espaços geográficos e sócio-históricos, pois representa parte das experiências vividas, por cada indivíduo, consoante com os hábitos que cada comunidade linguística possui, formando o repertório lexical.

Seguindo essa reflexão sobre o léxico e sua relação com a ideologia de uma comunidade, Cristianini (2007) esclarece que o léxico funciona como um conjunto de unidades de uma comunidade linguística. Desse modo, o léxico atinge profundamente as identidades de uma comunidade, recebendo, também, influências externas da cultura, pois é uma forma marcante que reflete a língua em relação à cultura e à sociedade, tornando-se uma espécie de acervo, um conjunto de palavras por meio do qual o homem nomeia a realidade que o cerca.

Dessa maneira, considera-se o léxico como recurso de expressão e interação social, uma vez que é no dinamismo do processo de comunicação que os usuários criam, recriam e incorporam o vocabulário de sua língua, contribuindo, assim, para o processo contínuo de criação, renovação e expansão lexical.

George Matoré (1953) salienta que, ao associar léxico e sociedade, confere à Lexicologia o *status* de disciplina sociológica, uma vez que tanto a Lexicologia quanto a Sociologia têm por objetivo o estudo de fatos sociais, por considerar que o léxico é testemunho de uma sociedade, do seu modo de vida em uma determinada época. Já na visão de Biderman (2001), a Lexicografia é a ciência responsável pela elaboração de dicionários, que predominam na descrição do léxico, sendo que: a) constituem uma organização sistemática do léxico; b) são produtos culturais que devem registrar a norma linguística e lexical vigente na sociedade para a qual são elaborados; e c) recolhem o tesouro lexical da língua, em um dado momento da história de um grupo social.

O estudo do léxico também é imprescindível para a Sociolinguística, especialmente para a realização de análise da variação linguística, pois a variabilidade lexical é inerente à língua e essa constitui um patrimônio cultural de seu povo. Nessa perspectiva, assume a língua como um sistema heterogêneo e, portanto, sujeito à variação, razão pela qual não pode ser analisada isoladamente. É preciso considerar o contexto social, no qual se processa. Margotti (2003, p.150) corrobora essa assertiva dizendo que: “A Sociolinguística Variacionista se orienta por uma concepção de língua como sistema socialmente determinado: um sistema heterogêneo, cuja variação estrutural está relacionada às alterações dos padrões culturais e ideológicos da comunidade de fala”.

Conforme Faraco (2005, p. 184):

Entende-se por Sociolinguística o estudo das correlações entre formas linguísticas variantes (isto é, entre diferentes formas de dizer a mesma coisa) e determinados fatores sociais, tais como a classe de renda, o nível de escolaridade, o sexo, a etnia dos falantes. Com a Sociolinguística, amplia-se o estudo da variação linguística, acrescentando-se à dimensão geográfica (da dialetologia) a dimen-

são social (a chamada variação diastrática) como fator de diferenciação (Faraco, 2005, p. 184).

Para esse autor, os sociolinguistas que adotam essa abordagem alimentam o interesse de investigação linguística para além da estrutura gramatical e, sendo assim, buscam no contexto social a motivação para os fatos da língua. É nesse contexto que ocorre a variação linguística e surgem distintas variantes (lexias) linguísticas, explicadas pelos diferentes fatores sociais e culturais. Dessa forma, os contextos socioculturais em que a língua ocorre são, geralmente, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas linguisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados. Assim, para se apreender, compreender, descrever e explicar a “visão de mundo” de um grupo sócio-linguístico-cultural, o objeto de estudo principal deve ser as unidades lexicais e suas relações em contextos.

Sendo assim, esse fenômeno é o nosso objeto de estudo, para analisar a fala dos moradores das comunidades de garimpo no norte do estado de Mato Grosso, pois há, nessas comunidades, uma variação lexical peculiar.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por se tratar de trabalho empírico¹³, que utiliza dados de língua falada, para a constituição do *corpus*, na coleta e no tratamento dos dados, seguimos alguns procedimentos metodológicos fornecidos pela Teoria da Variação e Mudança Linguística, propostos por Labov (1972) e Milroy (1987, 1992).

Essa teoria nos oferece métodos que visam observar o uso da língua em uma comunidade linguística, levando-se em conta o contexto social de produção na fala espontânea dos membros das comunidades em estudo, ou seja, do vernáculo, estilo em que o mínimo de atenção é prestado, pelo falante, no momento da fala. Sendo assim, não se pode ingressar numa comunidade de fala e investigar suas escolhas lexicais sem identificar o espaço em que a pesquisa se desenvolve e os sujeitos/informantes que participam do trabalho.

Para a tese¹⁴ (em construção), a nossa pesquisa se fundamentará em um tripé básico: a rede de pontos, os informantes e o questionário. Por sua vez, é necessário que o questionário seja adequado à área pesquisada, atentando-se para aspectos regionais, denominações rurais, nomes referentes a produtos da área e inclusão de perguntas que investiguem a realidade local. O espaço social da nossa pesquisa irá recobrir a variação diageracional (jovens e idosos), a variação diagenérica (homem e mulher), a variação diastrática (classes sociais distintas – fatores como trabalho, renda familiar, educação e habitação) e a variação diafásica (realização da fala dentro de um estilo, de acordo com a situação/contexto). Para a coleta de dados, adotaremos os seguintes instrumentos: o diário de campo, questionário, gravador, ficha de identificação, termo de consentimento

13 Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p.18), “É o conhecimento que adquirimos no cotidiano, por meio de nossas experiências. É construído por meio de tentativas e erros num agrupamento de ideias. É caracterizado pelo senso comum pela forma espontânea e direta de entendermos”.

14 Em princípio, definimos quatro pontos para a coleta de dados: Peixoto de Azevedo, Paranaíta, Novo Mundo e Nova Guarita.

livre esclarecido (TCLE), entre outros recursos que se fizerem necessários ao longo da pesquisa.

A nossa intenção, na tese, será redigir cartas lexicais e também um dicionário sobre as comunidades linguísticas que farão parte da nossa pesquisa. Então essa pesquisa traçará um estudo investigativo de naturezas quantitativa¹⁵ e qualitativa¹⁶, no qual, realizar-se-ão entrevistas com questionário e com a utilização de equipamentos digitais de gravação e anotações no diário de campo para registros dos dados coletados. Para catalogar os dados, iremos utilizar *softwares* já renomados, como Varbrul ou Goldvarb para as análises quantitativas dos nossos estudos sociolinguísticos variacionistas. Esses modelos quantitativos irão nos oferecer suporte para estudar a linguagem em uso e a variação linguística na forma como elas ocorrem na fala das comunidades linguísticas investigadas.

Neste artigo, por sua vez, apresentamos apenas um recorte de resultados dessa pesquisa ainda em construção. O ponto visitado, como já abordamos, foi Peixoto de Azevedo, no qual entrevistamos três informantes, levando em conta as variações diageracional, diagenérica e diastrática.

Com o intuito de construir um ambiente favorável e descontraído para que os entrevistados se sentissem mais à vontade, tornando mais natural a coleta de dados, utilizamos apenas do diário de campo. Nessa perspectiva, corroborando Tarallo (2007, p. 21):

Seja qual for a natureza de comunicação, seja qual for o tópico central da conversa, seja quem for o informante, o pesquisador deverá tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e pela sua própria presença como elemento estranho à comunidade. Tal neutralização pode ser alcançada no momento em que o pesquisador decide representar o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades. Seu objeto central será, portanto, aprender tudo sobre a comunidade e sobre os informantes que a compõem (Tarallo, 2007, p. 21)

É válido ressaltar que a escolha do uso apenas do diário de campo teve o propósito de contribuir para que a conversa entre a pesquisadora e entrevistados fluísse com naturalidade, uma vez que foi o primeiro contato com a comunidade linguística. De fato, os sujeitos entrevistados falaram com espontaneidade sobre os costumes, os usos linguísticos e a constituição da cidade.

PERFIL DAS PESSOAS ENTREVISTADAS PARA ESTE ESTUDO

Com o propósito de verificarmos os usos linguísticos na fala dos moradores mais velhos e mais jovens, de homens e de mulheres de distintas classes sociais, fomos, no dia 28

15 Considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão etc.).

16 É considerado que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. O ambiente natural é a fonte direta para a coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (SILVA; MENEZES, 2001).

de fevereiro de 2024, até a cidade de Peixoto de Azevedo, para procurarmos informantes à pesquisa, dando preferência aos que estão desde o início da colonização no município.

Como dito, conseguimos entrevistar três pessoas, um homem (que chamaremos de R) e uma mulher (que chamaremos de A), ambos acima de 60 anos, vendedores, com Ensino Fundamental incompleto e que residem no município desde 1986. E também um jovem (que será chamado de T) de 25 anos, com Ensino Médio completo, reside há 10 anos no município e trabalha como motorista de aplicativo. O encontro com o senhor e a senhora se deu em uma feira de produtos de gêneros alimentícios, localizada em frente à Prefeitura Municipal, pois eles têm uma banca de vendas nessa praça. Já o encontro com o jovem se deu por acionarmos o aplicativo “Urbano Norte”.

Ao chegarmos na praça da cidade, observamos o local, começamos a conversar com as pessoas locais e logo em seguida apresentamo-nos como visitante da feira e pesquisadora. As entrevistas foram realizadas em forma de conversa livre, portanto como entrevistas não estruturadas, para mostrarmos aos informantes, conforme as orientações de Tarallo (2007), nosso papel de aprendiz-interessado na comunidade, com o propósito de aprendermos tudo sobre a comunidade e sobre os informantes que a compõem.

BREVES ANÁLISES DAS LEXIAS ‘BAMBURRADO E BREFADO’, USADAS NA COMUNICAÇÃO DE GARIMPEIROS

O presente artigo, como já dissemos, foi desenvolvido na disciplina “Tópicos em Sociolinguística” e, consoante às orientações sugeridas pelos docentes da disciplina, para a pesquisa, transcrição e apontamentos analíticos deste estudo, realizamos um recorte de apenas duas lexias, conhecidas por sua utilização na fala de garimpeiros, para guardarmos o ‘ouro linguístico’. Dessa maneira, trata-se de uma pesquisa em desenvolvimento. Então, as lexias analisadas serão:

- a) **Bamburrado**
- b) **Brefado**

Para o estudo efetivo das lexias mencionadas presentes nas variedades do português falado pelo povo peixotense, utilizamos o aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, por compreendermos que as escolhas lexicais dos usuários de uma comunidade linguística refletem as práticas sociais e culturais, em que os sistemas e valores são produzidos, transformados e também diferenciados.

Ademais, há o fato de que língua, cultura e sociedade constituem um conjunto inseparável, que não é constituído apenas pelas instituições educacionais formais ou informais, mas adquirido e estabelecido a partir das experiências, dos anseios e dos eventos cotidianos dos membros de uma comunidade. Cabe, ainda, acrescentar à dimensão analítica em questão os apontamentos de Biderman (2001), os quais nos mostram que, por se ocupar do léxico e da palavra, há que se considerar sua dimensão significativa, sendo assim um estudo semântico-lexical.

Com relação aos significados das lexias supracitadas, temos que, segundo o Dicionário Aulete Digital de Língua Portuguesa, *bamburrado* significa “enriquecer por en-

contrar, garimpendo, grande quantidade de ouro ou pedras preciosas”; para *brefado*, o dicionário oferece o seguinte significado: “aquele que perdeu ouro”, “que empobreceu”.

VIESES ANALÍTICOS SOBRE A LEXIA ‘BAMBURRADO’

Ser *bamburrado* geralmente é o sonho de todo garimpeiro, objetivo esse que pode justificar toda uma longa série de trabalho e dificuldades atravessadas até que se alcance algum resultado significativo, mudar a vida com a virada da peneira. Seria uma espécie de pertencimento à “classe alta” do garimpo por ter tirado a sorte grande, ou ser o dono-de-barrancos (uma amostra de ascensão social no garimpo), isto é, pessoa de classe média ou alta que conseguiu barrancos por meio da compra de porcentagens de garimpeiros *brefados*. Por isso, torna-se uma palavra frequente no vocabulário garimpeiro, como se fosse o mesmo sonho de um jogador de loteria esportiva.

Como enfatiza Lima, ser *bamburrado* é:

[...] tornar-se rico por meio de um grande achado de ouro. Para isso, o trabalho incessante, de sol a sol, nas clareiras, nos montes de cascalho lavado, nos igarapés remexidos, lameados e desviados, era necessário, indispensável para se encontrar a riqueza em meio à lama. Ficar ou sair, neste contexto, parecem ser possibilidades sempre presentes. É preciso enfrentar as situações, as mais variadas adversidades, as novas paisagens, conformação de novas relações, os desafios dos deslocamentos (Lima, 2018, p. 45).

Dessa forma, a importância de entender o contexto que leva um garimpeiro a bamburrar é essencial. Destacamos que é necessário atentar-se ao tempo das florestas, ao tempo das áreas do garimpo em seu ápice e também rastrear o caminho do ouro, em seu contexto histórico, para obter sucesso nessa busca.

Todavia, cabe refletir, em consonância com Philippsen (2012, p. 168), que os distintos:

[...] “encontros culturais” e, conseqüentemente, linguísticos, podem, ser os responsáveis pela disseminação da “linguagem do garimpo” em ‘novos’ espaços geográficos de descoberta aurífera, visto que a História tem revelado grande mobilidade dos garimpeiros sempre que se anuncia a descoberta de novas “manchas do garimpo” (Philippsen 2012, p. 168)

Em nossa pesquisa de campo, foi perguntado para o senhor R. o que significava a lexia *bamburrado* no auge do garimpo. E obtivemos a seguinte resposta:

R: *Ah, só era considerado bamburrado o garimpeiro que pegasse acima de 1 kg de ouro, menos que isso não levava esse título.*

A mesma pergunta foi feita para a senhora A, que nos respondeu:

A: *A expressão bamburrado só serve para quem bamburrou com a sorte do ouro, não serve, por exemplo, para outras áreas da vida.*

A resposta a essa pergunta dada pelo jovem T se assemelha à dada pelo senhor R:

T: *Bamburrado é aquele que teve a sorte de achar mais de 1 kg de ouro.*

Os resultados que obtivemos em nossa pesquisa de campo, ainda que sendo com uma pequena amostra, mostram que essa lexia continua corrente nos usos linguísticos dos peixotenses, inclusive dos mais jovens, visto que T não só sabia o significado, mas elencou o quantitativo necessário para quem almeja se tornar *bamburrado*. Diferentemente, pois, de resultados obtidos por outros pesquisadores, como Bertoldo (2012, p.95), que registrou, no distrito de Nossa Senhora da Guia (que se encontra localizado, geograficamente, a 40 km da capital mato-grossense – Cuiabá), a utilização de *bamburrado*, que é “bastante frequente no falar dos moradores com idade superior a 50 anos e, mesmo não corrente entre os informantes mais jovens, ela é mencionada como “conhecida por ouvir falar””.

Uma vez mais corroboramos a abordagem de Biderman (2001), ao enfatizar com pertinência que o léxico faz fronteira com a semântica, pois o sentido semântico forma-se a partir do uso nas comunidades linguísticas e desvenda a norma lexical vigente conforme os sentidos que são aceitos. No caso da comunidade peixotense, percebe-se nas falas dos sujeitos entrevistados que o sentido semântico da lexia *bamburrado* vai além do que se vê nos dicionários, visto que, para ser *bamburrado*, há um padrão específico da quantidade do metal precioso que o garimpeiro precisa adquirir no garimpo.

VIESES ANALÍTICOS SOBRE A LEXIA 'BREFADO'

Outra lexia comum também no contexto vocabular dos falantes de Peixoto de Azevedo é a palavra *brefado*, principalmente por aqueles garimpeiros que recebiam pequenas porcentagens para trabalhar e, se o garimpo não estivesse tão bem, os garimpeiros não recebiam pagamento e trabalhavam em troca da comida.

Por sua vez, *brefado*, para Fonseca (2020, p.146):

[...] vem de “brefo” (sem dinheiro) e, de um modo geral, o dinheiro que é obtido por membros deste grupo serve apenas para manter o consumo de substâncias ilícitas. Em alguns casos, especula-se que já foram garimpeiros bem sucedidos e que perderam suas posses (Fonseca 2020, p.146)

Vejamos, a seguir, nos depoimentos de nossos entrevistados, os sentidos dados para a palavra *brefado*, em Peixoto de Azevedo.

Para o senhor R., os garimpeiros *brefados*:

R: *Eram aqueles que recebiam pequenas porcentagens do ouro no local do garimpo, vinham para a cidade e gastavam tudo em prostíbulos e ficavam rodados, perambulando pela cidade, sem comida e também sem ter como voltar ao garimpo.*

Para a senhora. A.:

O garimpeiro bamburrado que perdeu tudo não leva o nome de brefado. Simplesmente dizem: 'fulano bamburrou e perdeu tudo'.

De acordo com o jovem T., os garimpeiros que levam esse adjetivo:

T: *Têm necessidade de irem aos prostíbulos porque lá se sentem em casa. É muito comum eu fazer corrida para os levarem até esses lugares.*

Destarte, então, observarmos o tanto que é necessário, ao se realizar uma pesquisa semântico-lexical em determinada comunidade linguística, o pesquisador ir a campo para verificar os sentidos correntes de acordo com a história, costumes e cultura local. Assim, é importante ressaltar que as assertivas dadas para a conceituação semântica da lexia *brefado* destoam das de outros pesquisadores mencionados em nosso estudo.

Lima (2018) enfatizou a questão ‘tempo de garimpo’ para se tornar *bamburrado* e comprar barrancos de garimpeiros *brefados* (subentendendo-se ‘sem recursos financeiros’). Para Fonseca (2020), tanto o garimpeiro que recebe pequena porcentagem, quanto os bem-sucedidos (*bamburrados*) que perderam suas posses, levam o nome de *brefado*. No entanto, esse sentido de ‘perder tudo’ é veemente contestado pela informante A., conforme se pode ver acima; os dois informantes masculinos, jovem e mais velho, também não corroboram o sentido dado pelos pesquisadores em questão.

Também temos a diferença do destino dos gastos dos garimpeiros. Conforme Fonseca (2020), os gastos seriam com o consumo de substâncias ilícitas; já nossos sujeitos entrevistados de Peixoto de Azevedo disseram que os gastos seriam somente em prostíbulo. Tanto é pertinente tal afirmação que, ainda hoje, a rua do Comércio no município é repleta de casas de prostíbulo. Segundo “T”, no seu trabalho como motorista de aplicativo, o itinerário dos garimpeiros que continuam ativos no município, quando recebem porcentagens pelo seu trabalho, continua o mesmo, até gastarem tudo e ficarem no *brefo*. Nas fotografias, a seguir, é possível visualizar algumas edificações localizadas na rua do Comércio:

Figura 4



Casarão antigo na rua do Comércio.

Figura 5



Casarão antigo na rua do Comércio.

Fonte: registros realizados pela pesquisadora.

Com os resultados de nossa pesquisa, é possível asseverar que, em um estudo semântico-lexical, não podemos ficar ‘presos’ somente aos dicionários e a resultados de pesquisas feitas em distintos *locus*. O interessante é ir a campo e ouvir com atenção cada informante, visto que os sentidos lexicais podem ser distintos em cada comunidade linguística. Dessa forma, concordamos com Santiago-Almeida (2005), ao afirmar que, ao desenvolvermos pesquisas nessa área, colaboramos com um ato nobre, o humano, que é agente desse falar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos realizados neste artigo contam com reflexões que se tornaram mais claras no decorrer das contribuições teóricas ao longo das leituras dos textos, como também com os apontamentos feitos pelos professores e colegas da disciplina Tópicos em Sociolinguística, mais especificamente sobre a importância das variedades linguísticas da Língua Portuguesa, marcada pela heterogeneidade de falares. Essa característica instigou nossa curiosidade em querer contribuir com pesquisa acadêmica sobre a riqueza semântico-lexical em regiões garimpeiras. Vale lembrar, uma vez mais, que a pesquisa se encontra em andamento.

Concordamos com Eckert (1993), quando diz que, em regiões garimpeiras, os garimpos tornam-se responsáveis pela articulação da economia, traços culturais e consequentemente da adaptação do contexto semântico-lexical, tudo representado na prática social. Por esse motivo, torna-se um *locus* fértil para a nossa pesquisa, por considerarmos que o léxico é uma riqueza linguística. Segundo os entrevistados deste trabalho, o garimpo ainda representaria 75% da economia de Peixoto de Azevedo. Cabe destacar que, recentemente, a Lei nº 12.153, de 16 de junho de 2023, concedeu o título de *capital mato-grossense do ouro* à cidade, por estar em 1º lugar no *ranking* dos municípios do estado que mais produzem ouro.

Para Farias e Carvalho (2018), a cultura peixotense é influenciada diretamente pelos aspectos socioculturais e também pelo sotaque do estado do Maranhão, pois 75% dos municípios são desse estado, conforme vimos na figura 3, diferentemente de outros municípios do norte de Mato Grosso, cujo processo colonizatório foi voltado para a região Sul.

Sentimos, no decorrer da escrita deste artigo, que os estudos da variação e da mudança constituem na língua um veículo por excelência da compreensão da cultura e do léxico em uma comunidade linguística, evidenciando o tesouro de signos linguísticos transmitidos verbalmente pela interação humana e social, cujo uso desse tesouro vocabular ocorre quando um indivíduo dele precisar para se expressar ou para se comunicar.

Desse modo, concluímos que, em uma pesquisa que envolve o léxico de uma comunidade linguística, as palavras estão ligadas por meio de relações de significados que ajudam a compreender os contextos histórico, econômico e sociocultural em diferentes épocas e espaços, ratificando a indissociabilidade entre língua, cultura e sociedade.

REFERÊNCIAS

- AULETE DIGITAL. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Disponível em: <http://www.auletedigital.com.br/>. Acessado em mar. de 2024.
- BERTOLDO, Sandra Regina Franciscatto. **Investigação dialetológica no distrito de Nossa Senhora da Guia: análise semântico-lexical de bamburro, tacuru e bateia**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Léxico e vocabulário fundamental**. Alfa, São Paulo, v.40, p.27-46, 2001.

- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo. Parábola Editorial. 2010.
- CRISTIANINI, Adriana Cristina. **Atlas semântico-lexical da região do grande ABC**. USP. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-28012008-115533/pt-br.php> Acesso em: 17 de set. de 2023.
- ECKERT, Cornélia. **Memória e Identidade: Ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros do carvão**. Porto Alegre: UFRGS, 1993.
- FARIA, Antonia de Brito; CARVALHO, Luana Rodrigues de. **Análise do Avanço da Urbanização na Cidade de Peixoto de Pzevedo – MT**. XIX Encontro Nacional de Geógrafos – Pensar e fazer Geografia no século XXI: Escalas, conflitos socioespaciais e crise estrutural, na nova Geopolítica Mundial. João Pessoa: UFPB, 2018.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo. Parábola Editorial. 2005.
- FONSECA, Gladson Paulo Milhomens. **Cavalo Do Vingador: Ethos Da Garimpagem Na Fronteira Da Amazônia Franco-Brasileira – Uma Análise Sociológica Em Oiapoque**. Tese de Doutorado em Sociologia. João Pessoa, PB: 2020. Universidade Federal da Paraíba.
- GENHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Orgs. **Métodos da Pesquisa**. UFRGS – Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- LIMA, Marina Souza. **De picadas, lotes, cutiões e precisão: sociabilidade e modos de habitar no Projeto de Assentamento Ajarani, RR**. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: [s.n.], 2018.
- MARGOTTI, Felício Wessling. Abordagem empiricista em trabalhos de variação sociolinguística. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 149-166, jul./dez. 2003.
- MATORÉ, G. **La méthode en lexicologie: domaine français**. Paris: Didier, 1953. [2. ed. ampl., 1973]
- MILROY, Lesley e MILROY. **Social networks and social class: Toward an integrated sociolinguistic model**. Language in Society 21, I - 26. Cambridge University Press, 1992.
- PHILIPPSEN, Neusa Inês. O falar norte mato-grossense: apontamentos sócio-semântico-lexicais sobre a lexia bamburrou. **Acta Semiótica et Linguística**, v. 17, p. 159-173, 2012.
- OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica: projeto de pesquisas**, TGI. 2002.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8. Ed. - São Paulo: Ática, 2007.
- SANGHI, Simone da Fonseca. **Pertencer ao espaço comunitário: o desafio da auto-eco-organização de famílias moradoras do Campo da Tuca**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Serviço Social Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – 2007.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Para a história do português brasileiro: lote cuiabano. In: Cox, Maria Inês Pagliarin; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. (Org.). **Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral, 2005.
- SILVA, Fabiane Constantino et al. Seminário Científico e Cultural da AJES – Faculdade do Norte do MT. **História do Garimpo no Município de Peixoto de Azevedo – MT**. 2018. www.ajes.edu.br acesso em 23-10-2023.
- SILVA, Sonilda Aparecida de Fátima. **Campos Verdes: memória, história e saberes**. 2006. 125 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural) – Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2006.
- SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Musztak. **Metodologia da Pesquisa de Elaboração de Dissertação**. 3 ed. Ver. Atual. Florianópolis, SC: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.
- SOUZA, Laura de Melo. **Desclassificados do ouro**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.